

ONTOLOGIA E REVELAÇÃO. FILOSOFIA E CRISTIANISMO EM PAUL TILlich

*Félix Alexandre Pastor, S.J.
Pont. Univ. Gregoriana — Roma*

I. Filosofia e teonomia

A questão da relação entre Cristianismo e Filosofia é extremamente complexa e suscetível de receber diversos encaminhamentos: oposição, justaposição, subordinação, integração, envolvendo sempre uma dupla problemática, quando se pergunta o que pode oferecer o Cristianismo à Filosofia e o que pode dar a Filosofia ao Cristianismo. Nestas breves considerações, procurar-se-á responder a esta temática, sob a inspiração da parábola de Paul Tillich, no seu projeto de uma "filosofia teônoma", quer dizer, na perspectiva do "incondicionado", e no seu sistema de uma "filosofia da revelação", simultaneamente em chave platônico-cristã e em leitura pós-moderna. Como é sabido, Paul Tillich desenvolve a própria reflexão sempre na perspectiva da questão última do homem ("Das Unbedingte" ou então "the ultimate Concern"). Já nos seus primeiros estudos sobre a filosofia da religião no último Schelling, Tillich debate a tensão máxima na experiência religiosa entre momento místico e momento ético, precisamente na dissertação *Mystik und Schuldbewusstsein in Schellings philosophischer Entwicklung* (1912). Mas a "preocupação última" está presente em toda a obra tillichiana, particularmente nos escritos destinados ao estudo filosófico do conceito de religião, como a *Religionsphilosophie* (1925), ou ao conceito de Teologia como "metafísica teônoma" e a sua posição no sistema filosófico das ciências, no estudo *Das System der Wissenschaften nach Gegenständen und Methoden* (1923),

ou então nos estudos sobre a semiótica do sagrado e sobre a fenomenologia da experiência religiosa, em *Religiöse Verwirklichung* (1931), ou finalmente na análise da relação entre existência humana e revelação bíblica, em *Biblical Religion and the Search for Ultimate Reality* (1955).

Incansavelmente procurou Tillich uma “filosofia teônoma” da realidade cultural e social, moral e histórica. Os escritos filosóficos de Tillich situam sempre na perspectiva da teonomia a problemática antropológica, estética ou cultural, ética ou política. Discutindo a relação entre realidade social e valores religiosos, como em *Protestantisches Prinzip und proletarische Situation* (1931), ou analisando o fundamento religioso da ação moral ou a teologia do poder, como em *Love Power and Justice* (1954), Paul Tillich propõe sempre variantes de uma ética teônoma, mesmo quando debate sobre o *ethos* pós-moderno ou sobre a “opção socialista”. Também os estudos de filosofia da história e de filosofia da cultura procedem sempre de uma perspectiva teônoma, quer discutindo a possibilidade de uma teologia da cultura, como em *Über die Idee einer Theologie der Kultur* (1919), quer debatendo a tensão entre idealismo e existencialismo, ou entre Filosofia e Destino, como em *Kairos und Logos* (1926) e em *Philosophie und Schicksal* (1929), quer propondo a própria teoria sobre a presença do demoníaco na história, como em *Das Dämonische* (1926). Em Tillich as questões todas, teóricas ou práticas, são consideradas na perspectiva do “incondicionado”, procurando a revelação da presença espiritual latente na realidade cultural ou social, como por exemplo no ensaio *Die religiöse Lage der Gegenwart* (1926). Desenvolve-se deste modo um pensamento religioso onde se confrontam ininterruptamente religião e cultura, princípio profético e realidade política, revelando constantemente a presença paradoxal do incondicionado, quer na oscilante realidade exterior histórica ou cultural, quer na misteriosa realidade interior da dúvida e da fé, como em *Rechtfertigung und Zweifel* (1924). Sucessivamente, Tillich foi elaborando uma antropologia, pensada como ontologia da existência, na procura do fundamento do ser e do sentido, como nos ensaios *The Courage to Be* (1952) e *Morality and Beyond* (1963).

Mesmo os escritos autobiográficos testemunham como a dimensão do profundo foi sentida por Paul Tillich como presente na própria parábola pessoal, ver por exemplo *On the Boundary* (1936) e *Autobiographical Reflections* (1952). As meditações religiosas, como *The Shaking of the Foundations* (1948), *The New Being* (1955) ou *The Eternal Now* (1963), constantemente propõem a irrupção do incondicionado no íntimo do ser e a presença do eterno no instante propício, quando a verdade latente definitivamente se revela. Até nos últimos escritos, o tema dominante da reflexão

tillichiana está constituído pela constante procura do definitivo, do absoluto, do infinito, presente na realidade contingente, contraditória e relativa, confrontando então Tillich, dialeticamente dúvida filosófica e sabedoria religiosa. Tal correlação tornou-se dominante no seu *opus magnum* de teologia filosófica, onde se confrontam a dúvida e a fé, a autonomia e a teonomia, a razão e a revelação, a ontologia e a teologia, a antropologia e a cristologia, a ética e a pneumatologia, a Igreja e a sociedade, a história e o Reino de Deus, como sucessivamente acontece na *Systematic Theology* (1951-63).

II. Uma Filosofia teônoma

Situou-se Paul Tillich, na própria filosofia, na fronteira entre o idealismo e o existencialismo. Afirma o "*princípio da identidade*" entre sujeito e objeto, negando que as condições de possibilidade do conhecimento e da experiência possam reduzir-se à bruta objetividade. Como princípio de verdade, a identidade entre pensar e ser permite superar um empirismo ingenuamente naturalista. Na filosofia prática, Tillich corrige a ética idealista da liberdade afirmando o princípio da liberdade, interior e exterior, no plano individual e social. O conhecimento da verdade, porém, está vinculado à situação do sujeito que conhece. Conseqüentemente, é impossível o conhecimento da "essência" sem o reconhecimento das condições e contradições da "existência": a "angústia existencial", no plano individual; a "luta de classes", no plano histórico. Para o melhor conhecimento da realidade existencial, individual e social, Paul Tillich utilizou duas aproximações típicas da pós-modernidade: a psicanálise existencial e a análise marxiana da dialética social. Esta dupla metodologia levou Tillich, no plano pessoal, a um certo "estoicismo" existencial, e no plano social até formas de "socialismo religioso".

Tillich elaborou também uma *filosofia da cultura* em perspectiva teônoma. Na teoria tillichiana, a religião oferece à cultura o fundamento incondicionado de toda realidade. Por sua vez, a cultura oferece à religião os símbolos do incondicionado e as formas condicionadas da autonomia secular, nos diversos momentos e valores da vida humana: A verdade na ciência, a beleza na arte, a justiça na sociedade, o amor na comunidade. Conseqüentemente será possível realizar uma análise religiosa dos fatos culturais, superando a diástase entre sacro e profano, elaborando uma autêntica "teologia da cultura". Entre o espírito humano e a realidade objetiva existe uma correspondência, que as "ciências do espírito" ou "ciências humanas", enquanto

"construções sistemáticas" do sujeito pensante, procuram tornar evidente, achando o sentido mais profundo da realidade, na natureza ou na arte, na sociedade ou na história. Mas para Tillich a pretensão idealista do "saber absoluto" precisa ser limitada, sublinhando o "*princípio da diferença*", na freqüente contradição entre o ideal e o real, a certeza e a dúvida, a felicidade e a angústia, ou então, entre o reino da essência e o reino da existência. Deste modo, tanto no plano teórico, como no plano prático, o idealismo é, em Tillich, afirmado, negado e superado, integrando no sistema de "essencialismo idealista" uma notável correção "existencial".

Paul Tillich elaborou a idéia de "*Kairos*" como conceito de mediação entre luteranismo e socialismo. O reino de Deus está longe e permanece distante, mas se torna presente na história como juízo crítico sobre uma certa forma de sociedade e como norma configurante de uma forma futura de realidade social e histórica, mais próxima do ideal da justiça. Deste modo, uma *filosofia moral e política*, identificada no projeto do "socialismo religioso", acha o seu fundamento em uma determinada filosofia da história, pensada como longa caminhada para o "novum", cujo centro vem coincidir com o acontecimento religioso da revelação cristã, que aparece então como "princípio de sentido" da inteligibilidade histórica e como autêntica "meta" da mesma história. As forças contrastantes que atuam no conflito histórico podem ser classificadas sob três qualidades: como força demoníaca de um poder oprimente e total ("*heteronomia*"), ou como a emancipação do humano sob a forma da profanidade secular ("*autonomia*"), ou como a irrupção incondicionada do sagrado sob o símbolo da exigência total da religião profética ("*teonomia*"). O empenho em favor de um "socialismo religioso" é pensado exclusivamente em perspectiva teônoma, como superação da forma demoníaca e heterônoma dos totalitarismos, bem como da forma profanizada e exasperada da autonomia secular, típica do secularismo e decadentismo burguês.

Como *filósofo da religião*, Tillich permaneceu fiel a algumas convicções fundamentais: primeiramente, ao rigor da dúvida metódica da razão interrogante; em segundo lugar, à originalidade da experiência do sagrado como revelação e irrupção do incondicionado; finalmente, ao caráter paradoxal do cristianismo como religião da graça. A lógica da razão religiosa sublinha fundamentalmente a incondicionalidade de fundá-lo em qualquer outra realidade condicionada, como o mundo ou o eu, a cultura ou a história. Como para Tillich também a metafísica se define pela tensão para exprimir o incondicionado em categorias racionais, a Teologia, enquanto tenta elaborar racionalmente o conteúdo religioso, somente pode ser pensada como uma espécie de "metafísica teônoma".

III. Uma filosofia da Revelação

Na *Teologia sistemática* de Paul Tillich é amplamente elaborada a temática do realismo da fé, sob a dialética fundamental da tensão entre finito e Infinito, condicionado e Incondicionado, contemplando a irrupção e revelação do Absoluto na natureza como criação e na história da salvação como redenção definitiva. O sistema teológico tillichiano está pensado sob o esquema de uma "elipse bifocal". Ambos os focos são a razão crítica e contemplativa, que questiona e admira, e a revelação da teonomia e do mistério, que responde às questões últimas do homem através dos grandes símbolos religiosos. O homem e Deus: eis a correlação teológica fundamental. Como é sabido, o sistema todo é articulado em cinco partes, precedidas de uma introdução sobre a natureza e o método da teologia sistemática. A ampla temática é disposta em três volumes. Além da introdução, o primeiro volume contém as duas primeiras partes, dedicadas ao estudo da correlação entre "razão e revelação" e entre "ser e Deus". O segundo volume propõe a terceira parte, dedicada à "existência humana e Cristo". O terceiro volume propõe as duas últimas partes, dedicadas à "vida e Espírito" e à "história e Reino de Deus". Mas a dialética fundamental é sempre a mesma: o homem que questiona e Deus que responde. A razão crítica pergunta e a revelação teônoma responde. O ser finito interroga sobre a finitude e Deus responde, na esfera do incondicionado e do sagrado, do absoluto e do infinito, revelando-se como Senhor e Pai, santo e onipresente, eterno e benevolente. A existência alienada interroga e o Cristo responde, como expressão do "novo ser" na salvação e na graça. A vida pergunta, na sua ambivalência de finitude essencial e alienação existencial, e o Espírito responde na dimensão do incondicionado e da autenticidade religiosa, por meio de um processo de discernimento concreto, realizado na vivência pessoal e eclesial de uma "autonomia teônoma". Finalmente, a história nos questiona e o reino de Deus nos concede a resposta escatológica definitiva, no seu "Kairos" inesperado e propício.

Debatem-se deste modo, no sistema tillichiano, as grandes questões do homem e do cristianismo, permanecendo sempre uma tensão insuperável entre a razão filósofa, com a dúvida metódica, que nos questiona, a fé teóloga, com a sua certeza incondicionada, que nos oferece a resposta da revelação. Nesta "teologia filosófica", ou nesta "filosofia da revelação", é elabo-

rada uma ontologia da finitude essencial e da alienação existencial, da ambigüidade vital e da ambivalência histórica. Nela ressoam numerosos motivos da cultura filosófica clássica, de Parmênides a Platão, de Aristóteles a Plotino, bem como motivos bem precisos da cultura da modernidade, de Kant a Schleiermacher, de Schelling a Heidegger. A releitura do tema paulino-luterano da justificação pela fé na *sola gratia* sintetiza motivos bíblicos e pós-modernos, de Kierkegaard a Nietzsche, de Marx a Freud, particularmente na antropologia de alienação e do pecado. Mas a tradição teológica luterano-evangélica passa sempre através do filtro platônico-agostiniano, de uma inteligência teônoma, procurando a fé no processo da via interior e da certeza imediata do incondicionado religioso, no momento místico da adesão ao Infinito. O *deus interior* de Agostinho ou o *deus supra deum* de Dionísio é o mesmo Deus, fundamento e abismo ("Grund und Abgrund") de Tillich. Abandonando a perspectiva do fideísmo evangélico, contra Lutero dirá Paul Tillich que é para nós impossível chegar até o *deus revelatus*, querendo prescindir da experiência religiosa do *deus absconditus*.

Pelo contrário, Paul Tillich sublinhou sempre a identidade profunda entre o Deus da transcendência, na dimensão do incondicionado, e o Deus da revelação do sagrado, na experiência religiosa cristã. Não existem dois Absolutos, o absoluto da filosofia e o sagrado na religião, e assim Tillich dirá contra Pascal, que o Deus dos filósofos e o Deus de Abraão são o mesmo e único Deus. A revelação divina escatológica acontece em Cristo, mas sua relevância religiosa só é verificada na ressonância existencial dos grandes símbolos cristãos. Portanto, a revelação e os seus símbolos somente se tornam relevantes no encontro com a experiência pessoal, condicionada pela situação cultural e social. Para Tillich, porém, a condição humana é caracterizada pela sua finitude, essencialmente aberta ao Infinito, e pela sua alienação, existencialmente marcada pela contradição vital e social. A realidade humana é vista como profundamente ameaçada: primeiramente, pela morte como agressão a sua finitude essencial; em segundo lugar, pelo mal moral como expressão de uma contradição existencial, enquanto negação da qualidade ética; finalmente, pelo absurdo, que ameaça a condição humana na sua procura de um sentido para a própria vida e para a história. Deus somente se revela de forma significativa na confrontação metódica entre tal condição humana, essencial e existencialmente ameaçada, e os símbolos da revelação cristã, exprimindo a irrupção do sentido último e incondicionado de toda realidade. Portanto, Deus não pode ser achado no mundo como um objeto a mais. Somente como fundamento último e absoluto do ser e do sentido Deus se revela; sendo achado portanto só na dimensão última do incondicionado.

IV. Finito e Infinito

Entre o finito e o Infinito, entre o homem e Deus, existe uma correlação profunda e uma tensão máxima. Para o homem, Deus é "fundamento" e "abismo". Portanto, a Teologia não pode limitar-se a explicitar o *Kerygma* do passado ou a tentar traduzi-lo no presente. Torna-se fecundo o método teológico, quando pode explicitar a dialética de sentido existente na tensão entre a razão religiosa interrogante e a revelação, que proclama a mensagem definitiva. Para o homem, porém, a questão fundamental — subjacente ao problema da dramaticidade da vida ou latente sob a provocação do absurdo — é justamente a questão mesma do ser ou do sentido último da realidade. Descobre-se o homem a si mesmo como uma finitude distante do fundamento e nostálgica do Infinito. Ameaçado pelo mal, pelo sentimento de culpa e pela angústia da morte, o homem, propondo a questão da realidade do ser, propõe também a interrogação sobre a presença capaz de vencer o absurdo ou sobre a potência capaz de resistir ao não-ser, quer dizer, à agressão da destrutividade, física ou moral, pessoal ou social. Tal potência indestrutível, mais real que a própria realidade, identificável com a plenitude mesma do ser, pode legitimamente ser denominada com a palavra Deus.

No sistema tillichiano, tanto a questão do homem, como o problema de Deus são tratados sob uma dupla perspectiva, essencial e vital, teórica e prática. Assim também Deus é considerado não só o *ipsum esse* subsistente e a plenitude infinita da potência do ser, respondendo, no plano essencial, à questão da finitude humana; mas também, no plano vital, como o eterno vivente, que como todo vivente transcende a si mesmo e retorna sobre si mesmo. Deus não é morta identidade, mas plenitude absoluta da vida. Enquanto vivente, a realidade divina é espiritual e pessoal. Enquanto espírito, Deus une em si inteligência e vontade, autoconsciência e potência. O Deus misterioso se revela como o ser infinito e incondicionalmente santo, como eterno vivente onipresente, como espírito absoluto onisciente e onipotente. Deus sai de si na criação, participa do sofrimento do mundo na redenção, retorna sobre si na reconciliação escatológica definitiva. Nas grandes religiões e no cristianismo, para Tillich, o sentido da doutrina trinitária encontra-se na dinâmica da vida divina. A relação transcendental profunda entre realidade finita e Ser infinito é pensada, no "panenteísmo místico" de Tillich, não tanto na perspectiva do aristotelismo cristão, mas na ótica platônico-agostiniana, como autodoação do Criador à criatura, tornando-o participante do ser por comunicação. Funda-se des-

te modo uma *analogia entis* ontológico-teológica; mas entre a santidade divina e a existência alienada do pecador só é possível uma *analogia fidei*, revelada paradoxalmente na cruz como justificação gratuita na fé. Finalmente, entre o Absoluto e a realidade humana fundamentalmente existe uma *analogia imaginis*, descoberta pelo homem "interior" no constatar o sentido inexaurível do simbolismo religioso.

A "teologia filosófica" de Paul Tillich elabora a vivência do *homo religiosus* na sua adesão ao cristianismo como religião da síntese, conciliando dialeticamente perspectiva teônoma e autonomia secular, identidade mística e diferença ética. Realizando finalmente o seu projeto de uma "metafísica teônoma", Tillich nos oferece na sua "filosofia da revelação", na ótica evangélico-luterana, uma versão pós-moderna do velho platonismo cristão. Na forte arquitetura lógica do sistema tillichiano, ressoam os ecos de uma filosofia do cristianismo, respondendo ao anseio humano pelo infinito e absoluto, pelo incondicionado e o sagrado, e achando no Cristo o paradigma da ontologia do "novo ser" e o *universale concretum* da humanidade. Com seus acentos adocionistas e neonestorianos, a cristologia "simbólica" de Tillich apresenta problemas não inferiores aos de sua doutrina trinitária, oscilante entre a orientação neomodalista de Schleiermacher e o irracionalismo vitalista da doutrina sobre as "três potências" em Schelling. Contudo, numerosas teses da antropologia e da eclesiologia, da ética e da teologia da história, têm contribuído para renovar o debate teológico e filosófico, cultural e político. Em polêmica contra toda heteronomia, Tillich proclamou constantemente o primado da teonomia sobre a autonomia. A sua leitura "teônoma" da ontologia e da história, da ética e da cultura, conhece sempre uma experiência do *numinosum*, caracterizada pelo primado do conteúdo incondicionado sobre as formas condicionadas da mesma religião. Distante sempre do "naturalismo" racionalista e do "supranaturalismo" fideísta, Tillich segue o caminho marcado pelo apofatismo cristão, assumindo-o generosamente como programa teológico: "Impossibile est, sine deo discere deum".

Endereço do autor:
Via Aurelia, 527
00165 — Roma — Itália